

Usos do verbo *ficar* no português do Brasil: classificação e análise

Ida Rebelo
Paulo Osório

Recebido 20, abr. 2006/Aprovado 20,ago. 2006

Resumo

O presente estudo propõe-se classificar e analisar os diferentes usos do verbo ficar, sob o ponto de vista semântico, à luz de um enquadramento funcional. A descrição efectuada nesta investigação respeita à variante brasileira do português.

Palavras-chave: usos, funcionalismo, ficar, predicação, semântica.

Breves considerações introdutórias

O objecto de análise do presente texto toma como ponto central de abordagem o uso do verbo *ficar*, uma vez que apresenta uma variedade de sentidos quando ligado a preposições, adjectivos ou, até mesmo, a advérbios. Consideremos os seguintes exemplos:¹

- (01) *Eu me fiz de idiota* para não me aborrecer.
- (02) Deu trabalho, mas *nós fizemos bonito* na exposição.
- (03) Não *deu para chegar* mais cedo, portanto vamos eliminar uma parte da reunião.
- (04) O exame deu negativo.
- (05) *Vamos de trem* até São Paulo e depois alugamos um carro.
- (06) *Você vai de saia* ou de calça?
- (07) É melhor *ir devagar* com esse assunto.
- (08) Só um *ficou com o dinheiro*, os outros morreram.
- (09) Assim, *fica difícil* trabalhar.

Os verbos seleccionados nos exemplos de (01) a (07), servem, apenas, para ilustrar que os significados do verbo *ficar* resultam da relação entre os sentidos possíveis de *ficar* e os sentidos dos seus complementos. Em (08) temos a paráfrase *reter*, que se estabelece a partir do sentido de mudança, próprio de *ficar*, relacionado com a expressão iniciada pela preposição *com* seguida de elemento determinado por artigo definido. Em (09) o sentido de mudança liga-se ao significado do adjectivo *difícil* e estabelece a paráfrase *ganhar aparência de* com sentido de apreciação. A fim de proceder a uma análise das construções onde o verbo *ficar* ocorre acompanhado de partículas preposicionais ou de adjectivos, baseou-se este trabalho no conceito de predicador como núcleo do enunciado.

O conceito de predicador, como núcleo do enunciado, podendo ser um verbo ou um nome, é o ponto fulcral da teoria desenvolvida por Peres (1984) e revista por Meyer (1991), trabalhos estes que constituem a base teórico-metodológica da análise empreendida e têm como fundamento a gramática funcional de Dik (1981). Assim, na análise desenvolvida serão trabalhados os diferentes significados que se constroem no uso do verbo *ficar* entendido como predicador. Esses significados são revelados na dinâmica entre o predicador e os seus complementos, façam eles parte da estrutura argumental do verbo ou constituam, por outro lado, complementos de outra natureza. Nos usos de *ficar* aqui seleccionados, esse verbo é estudado ao entrar na formação

¹ Todos os exemplos são do português do Brasil e seguem, igualmente, a ortografia dessa variante.

de enunciados que são agrupados conforme os significados que apresentam. Consideram-se 15 significados diferentes conforme os enunciados agrupados. A cada um desses significados é atribuída uma paráfrase explicativa, sendo esta um rótulo que identifica cada grupo de ocorrências com um mesmo significado. Em cada um desses casos, o verbo mantém o sentido expresso pela sua paráfrase explicativa com a possibilidade de uma grande variação no preenchimento de seus complementos.²

As ocorrências encontram-se divididas pela carga semântica peculiar a cada grupo dos exemplos seleccionados. De notar, todavia, que nesses grupos há casos em que o verbo *ficar* é seguido de preposição e casos em que isso não acontece. Dentre os moldes em que ocorre preposição, há aqueles em que a preposição compõe com o verbo uma unidade - como em (10). Nestes casos, a preposição é invariável e o complemento que lhe sucede faz parte da estrutura argumental do verbo, isto é, constitui um dos argumentos necessários do predicador. Os casos do tipo exemplificado em (10) são menos numerosos. Há, por outro lado, um grande número de exemplos em que a preposição faz parte de um sintagma preposicional e varia conforme os exemplos ou, então, pode ser substituída pelo adjectivo sem que haja alteração do significado - como em (11) e (12).

(10) A PUC *fica* na Gávea. (Ficar em = *localizar-se*)

(11) Elas ficaram com o Chico na Igreja. (*manter-se relativamente a*)

(12) Eu e a Leila *ficamos juntos* alguns anos e depois separamos. (*manter-se relativamente a*)

Nas ocorrências em que há sintagma preposicional, esta não constitui a única possibilidade de complementação do verbo *ficar*. Há outros elementos morfossintácticos que podem ser seleccionados para exercer funções semânticas idênticas. Pretendemos, pois, determinar o que concorre para regularizar a selecção dos complementos pelo predicador e estabelecer regras de uso.

1. Função e gramática funcional

A gramática funcional de Dik tem, como um dos princípios básicos da sua organização, a criação de entradas no léxico a partir da constituição de marcos predicativos que contêm todas as informações necessárias à identificação dos itens lexicais. Dik (1981) postula que há três níveis que se inter-relacionam para o estabelecimento do significado dos enunciados: *o das relações pragmáticas, o das relações semânticas e o das relações sintácticas*. As informações contidas nos marcos predicativos devem dar conta das características impostas em cada um desses níveis. O modelo descritivo baseado nos marcos predicativos é adaptado

² Essa característica garante a distinção entre as ocorrências tomadas como objecto desta análise e aquelas que podem ser consideradas como expressões idiomáticas. Nas expressões idiomáticas há um sentido individual para cada expressão tomada de forma isolada. Este sentido não se mantém caso haja alteração dos complementos através de selecção no eixo sintagmático.

por Peres (1984) sob a terminologia de “moldes proposicionais”. Na prática, o molde proposicional determina a distribuição dos elementos constituintes das ocorrências linguísticas.

É na actualização do molde proposicional que se materializam as funções semânticas atribuídas aos termos do predicador na formulação do molde. Essas funções semânticas são limitadas por injunções sintácticas e pragmáticas. Neste estudo, em particular, utilizamos, na formulação do molde, o procedimento de que, para cada grupo de exemplos, com um mesmo significado, é gerado um molde onde são representados os elementos constituintes do enunciado – predicador, argumentos, funções dos argumentos – com as suas características invariáveis assinaladas. Essa representação leva à criação de rótulos – paráfrases explicativas – para cada grupo com o mesmo significado. Esses rótulos ou paráfrases, juntamente com a designação de item ordenado, servem de título ao molde, como no seguinte exemplo:

Formalização do Molde de Predicado F1

F 1: Manter-se – estado físico

Molde de Predicado Estativo Básico

$\Phi (x_1) O$

: $\Phi \Rightarrow [FICAR + DS1] DS2$

: DS1 \Rightarrow Adj () Sprep

+ condição física

: DS2 \Rightarrow Sprep

+ intervalo de tempo

: $(x_1) \Rightarrow$ SN

____ Φ

Esta formalização descreve, em linhas gerais, os elementos que constituem o molde de predicado em questão, assim como o seu argumento e função: Φ representa o predicador, (x_1) representa o argumento do predicador e O indica a função do argumento (x_1) , que é a de Objecto.

Uma outra noção que importa descrever é a de **função**. As funções organizam-se pelas escolhas que o falante faz no uso comunicativo da língua. As escolhas, por sua vez, são condicionadas por funções já estabelecidas na língua e pré-existentes às escolhas. Harder (1997) enfatiza a relação entre escolha e regras:

I now turn to the only situation in which function can exist from Searle’s point of view: within an intentional context, where subjects can assign a function to something by virtue of their own conscious choices. Intentional functions are

unique in being assignable by choice – but they share with all other forms of function the dependence on a Background in terms of which their contribution is normatively motivated. (HARDER, 1997, p. 96)

É importante lembrar que uma gramática funcional não é incompatível com uma formalização descritiva. Neves (1997) faz uma avaliação detalhada da visão de gramática estabelecida por Halliday (1974) e fundamenta a nossa concepção sobre a adequação de um enfoque que considere as escolhas do falante ao formular a hipótese sobre o significado com estabelecimento de regras para o uso. A abrangência desse enquadramento pode ser melhor ilustrada na afirmação de Halliday (1974, p. 44), ao considerar o alcance da expressão “função” naquilo a que ele chama de “Functional sentence perspective - FSP”.

Nesse texto, Halliday distingue dois conceitos dentro da sua concepção do termo ‘função’: FSP (functional sentence perspective) que refere às funções atribuídas aos constituintes dos predicadores em consequência das escolhas do falante no acto ilocutório e funções comunicativas que constituem o que esse autor estabelece como as três funções da linguagem – *ideacional, interpessoal e textual*. No entanto, nem todas as funções atribuídas pelo falante encontram correspondência nas categorias da descrição normativa da língua. A descrição normativa tende a deixar de lado as ocorrências que não são acondicionáveis nas categorias sintáticas estabelecidas ou a classificá-las indevidamente. Esse é o caso das funções representadas por complementos verbais que, na categorização normativa, extrapolam a categoria de objecto do verbo e nem sempre se encaixam nas outras categorias, como a de adjunto adverbial, por exemplo. Neste estudo criamos uma categoria – *o definidor semântico* – que tenta dar conta de complementos verbais desse tipo.

Na busca de uma formalização descritiva, consideramos o enfoque funcionalista, ao mesmo tempo, abrangente e económico para caracterizar itens do léxico. A caracterização feita à luz do funcionalismo utiliza pontos de vista gerados pela incidência, no mecanismo da linguagem enquanto dispositivo de comunicação, dos diferentes níveis citados, isto é, o nível das relações pragmáticas, o das relações semânticas e o das relações sintáticas. Por outro lado, uma gramática funcional que se baseia nas relações de predicador e argumento e tem no verbo o núcleo dessas relações mostra-se capaz de guiar uma análise que tem como tema o estabelecimento dos valores semânticos envolvidos no uso de determinada forma verbal.

1.1 A classificação de Peres e de Meyer

A descrição que Peres faz dos predicadores verbais em português, baseada na gramática funcional de Dik, tem o mérito

de diferenciar, mais adequadamente, os níveis que se inter-relacionam na produção dos enunciados. Peres toma esses três níveis e, a partir deles, estabelece a existência de quatro componentes: componente ilocutório que determina os tipos de actos de fala (contexto pragmático); componente semântico que corresponde às estruturas de significação; componente textual que relaciona as estruturas textuais (contexto discursivo) e componente formal que relaciona as formas linguísticas (contexto morfo-sintáctico) (PERES, 1984, p. 28).

Todas as propostas de construção de uma gramática funcional são orientadas pelo princípio da predicação. Conforme explicitado em Meyer, a predicação é a descrição de um estado-de-coisas de que participam um ou mais argumentos relacionando-se com um termo predicador (MEYER, 1991, p. 42). A autora distingue as predicações *simples* das predicações *complexas*. Embora o objecto da nossa análise seja a predicação simples ou nuclear, importa considerar a definição de predicação complexa ou alargada. Consideramos que a predicação complexa é o campo onde transitam valores semânticos que podem esclarecer certos comportamentos do predicador *ficar* considerado na sua realização como núcleo da predicação simples.

No presente estudo, estabelecemos uma formalização de moldes de predicado originados na observação dos usos do predicador verbal *ficar*.

Peres (1984, p. 67) explica que

[...] a tipologia pode ser elaborada de forma indutiva, a partir da construção de moldes proposicionais de um grande número de predicados³ de uma língua ou, alternativamente, como um modelo concebido *a priori* com base num determinado número de propriedades pertinentes na classificação dos predicados.

O autor faz um levantamento a partir das valências estabelecidas previamente para a maioria dos verbos portugueses. A análise de Meyer, assim como a que se empreendeu neste estudo, faz uso do procedimento indutivo. A partir da consideração de um *corpus* é feita uma formalização que pretende generalizar o comportamento do predicador *ficar*, agrupando-se as ocorrências contidas nesse *corpus* em torno de 15 moldes de predicado. Os predicadores são classificados conforme a descrição de Peres, em função dos estados-de-coisas que representam e do tipo de argumentos que seleccionam, e podem ser:

- (a) Estativos - ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que não envolvem qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que não se combinam com um termo que represente uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam. (PERES, 1984, p. 86-87)

³ Adoptamos aqui a terminologia de Meyer - predicador - para indicar o núcleo da predicação, embora Peres use o termo predicado com as mesmas intenções.

- (b) Posicionais - ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que não envolvem qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que se combinam com um termo que represente uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam. (PERES, 1984, p. 86).
- (c) Processuais - ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que envolvem uma qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que não se combinam com um termo que represente uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam. (PERES, 1984, p. 86).
- (d) Accionais - ocorrem em proposições que designam estados-de-coisas que envolvem uma qualquer mudança no intervalo de tempo da sua duração e que se combinam com um termo que represente uma entidade dada como causador dos estados-de-coisas que as proposições designam. (PERES, 1984, p. 86).

Conforme o tipo de argumento que seleccionam, os predicadores podem ser classificados em: *básicos* - os argumentos seleccionados serão preenchidos por qualquer entidade desde que ela não tenha função semântica de causador, experienciador ou de lugar; *experienciais* - os argumentos seleccionados serão preenchidos por entidades que sofrem experiência de carácter psíquico; *possessivos* - os argumentos seleccionados são preenchidos por entidades envolvidas numa relação de posse ou de mudança de posse e *locativos* - os argumentos seleccionados são preenchidos por entidades envolvidas numa relação de localização ou de transferência de localização.

Importa observar que esta caracterização dos possessivos é da criação de Meyer, pois Peres faz a distinção entre possessivos (relação exclusiva de posse) e transaccionais (relação de mudança de posse). Meyer demonstra que o único traço que marca essa distinção em Peres é o de mudança e este traço já está expresso na classificação dos estados-de-coisas. A selecção dos argumentos pelo predicador implica a consideração das funções semânticas atribuídas a esses argumentos. São as seguintes as funções semânticas propostas por Peres para o português e adoptadas neste estudo:⁴ *causador* atribuída a uma entidade que desencadeia um estado-de-coisas; *objecto* atribuída à entidade envolvida em qualquer tipo de estado-de-coisas, onde não desempenhe qualquer das restantes funções semânticas especificadas; *experienciador* atribuída à entidade que se encontra numa situação ou que sofre um evento de carácter psíquico; *possuidor* atribuída à entidade que tem a posse de outra entidade; *recedor* atribuída à entidade que adquire a posse de outra entidade; *dador* atribuída à entidade que perde a posse de outra entidade; *lugar* atribuída à entidade que constitui o espaço de outra entidade; *origem* atribu-

⁴ Por razões que concernem as características do verbo *ficar*, nem todas as funções aqui descritas são seleccionadas por esse predicador.

ída à entidade a partir da qual uma outra entidade é transferida e *destino* atribuída à entidade que constitui o espaço para a qual uma outra é transferida. (PERES, 1984, p. 118-119)

2 Usos do verbo *ficar* - classificação e análise

A listagem por significados baseia-se em dois critérios:

I – Critério semântico explora, no presente estudo, a oposição entre o carácter estativo e o resultativo. O título - semântico - abrangeria mais do que está compreendido neste item, mas foi adoptado por nos parecer ser o que melhor cobre a distinção em questão. O primeiro critério subdivide-se em dois campos distintos: (A) – não-mudança ou estativo e (B) – mudança ou resultativo;

II – Critério funcional pragmático: baseia-se numa divisão por tipos de predicador, conforme a classificação estabelecida por Meyer. São eles: básico, experiencial, possessivo e locativo.

No quadro 1 apresentamos, de forma esquemática, a maneira como os dois critérios se inter-relacionam, formalizando a classificação proposta para os significados do verbo *ficar*:

Quadro 1 – Classificação dos Moldes de Predicado

A - I	Estativos:				
	Básico	manter-se	DS (+ condição física)	DS2 (+ interv.tempo)	F1
	Experiencial	manter-se	DS (+ sentimento)	DS2 (+ interv.tempo)	F2
	Locativo	localizar-se	x ₂ (+ lugar)		F3
A - II	Posicionais:				
	Básico	manter-se relativamente à	DS (+ modo)		F4
	Básico	acção repetitiva	DS (+ acção)		F5
	Locativo	manter condição anterior	x ₂ (+ lugar)		F6
B - I	Processuais:				
	Básico	ganhar aparência de	DS (+ apreciação)		F7
	Básico	alcançar um valor	DS (+ numeral)		F8
	Básico	classificar-se	DS (+ item ordenado)		F9
	Básico	restar	DS (+ origem () + fim)		F10
	Básico	resultar em	DS (+ condição física)	DS2 (+causa () tempo)	F11
	Experiencial	passar a sentir-se	DS (+ sentimento)	DS2 (+causa () tempo)	F12
B - II	Accionais:				
	Possessivo	reter	x ₂		F13
	Experiencial	responsabilizar-se	x ₂		F14

O procedimento de distribuição dos moldes de predicado, como apresentado no quadro 01, deu origem a uma estatística que discriminamos a seguir. Entre os significados mais fre-

quentes encontrados no uso do predicador *ficar*, temos 15 moldes de predicado, dos quais 14 realizam-se conforme mostra o quadro 2:

Quadro 2 – Distribuição Estatística dos Moldes de Predicado

A - Não-Mudança	Moldes de Predicados Estativos	3
	Moldes de Predicados Posicionais	3
B - Mudança	Moldes de Predicados Processuais	6
	Moldes de Predicados Accionais	2

Registamos, ainda, a existência de um molde de predicado accional que não se insere em nenhum dos dois critérios semânticos escolhidos. Esse molde é formalizado no Quadro 3 conforme o segundo critério, Funcional-Pragmático. No Quadro 3 não está, entretanto, incluída nenhuma marca referente ao primeiro critério:

Quadro 3 – Classificação do Molde de Predicado F15

Accional:			
Experiencial	comprometer-se	x, (+ acção)	F15

A classificação funcional-pragmática explica a exceção – não inclusão no critério semântico – sem tirar consistência ao critério criado. Trata-se de verbo que pode ser incluído no grupo dito de ‘comunicação’ e, conforme Mateus e outros (1994), os verbos de comunicação podem, eventualmente, ser incluídos entre os verbos performativos⁵ da classificação de Austin e Searle. Essas circunstâncias explicam a classificação do predicador em accional; a paráfrase atribuída a F15, contudo, não autoriza sua inserção em nenhum dos dois eixos – mudança ou não-mudança – definidos no primeiro critério. Esta análise mostra-se coerente com a classificação de accionais ao inserir F15 no grupo que Mateus designa como verbos de comunicação. Para a autora, há predicadores não estativos que, sempre que usados literalmente, são P agentivos, caso dos verbos como *afirmar, declarar, dizer, concluir, deduzir, inferir*. Os predicadores não estativos que exigem um argumento [+humano], e exprimem uma propriedade ou relação controlável por esse argumento, podem ser usados agentivamente. (MATEUS et al., 1994, p. 46)

Para estabelecer com o máximo possível de adequação o critério de mudança/não-mudança, servimo-nos do cálculo de Mudança-de-estado de Von Wright, explicitado por Peres (1984, p. 88-89). Os símbolos utilizados são:

- (p) - “proposição”
- (- p) - a contraditória de (p)
- (T) - operador diático, significa ‘a seguir’

⁵ Os verbos performativos são definidos por Austin (1970, p. 41) através da oposição entre enunciados performativos e enunciados constativos. Formular um enunciado constativo, para Austin, é emitir uma afirmação produzindo-a com uma referência histórica. Formular um enunciado performativo é, por exemplo, fazer uma aposta que não necessita de referência histórica.

A partir destes símbolos são construídas 4 fórmulas possíveis que representarão um dos dois conceitos, isto é, Mudança ou Não-Mudança:

- p	T	p	(Mudança)
P	T	p	(Não-Mudança)
- p	T	- p	(Não-Mudança)
P	T	- p	(Mudança)

Sem adoptar a simples utilização do conceito de traço [+ ou - mutacional], que Peres adopta mas que é, contudo, de contornos, por vezes, difíceis de definir, preferimos utilizar esta fórmula lógica para enquadrar o nosso critério semântico, fórmula essa que se revelou de grande utilidade na determinação e justificação da divisão dos moldes de predicado. A explicação de Peres para essa fórmula lógica envolve a utilização dos verbos *acontecer* e *permanecer* e tem a seguinte formulação:

<i>acontecer</i> (p)	é definida como	- p	T	p
<i>permanecer</i> (p)	é definida como	p	T	p
<i>não acontecer</i> (p)	é definida como	- p	T	- p
<i>não permanecer</i> (p)	é definida como	p	T	- p

Ao tomarmos exemplos do molde de predicado F1, que se inclui no parâmetro da não-mudança, podemos fazer as seguintes leituras, como assinalado entre parênteses:

- (13) Ele *ficou de cama* durante 2 dias. (DS2 = durante 2 dias)
- (14) Na festa da Paula, eu *fiquei sozinho*. (DS2 = enquanto durou a festa)
- (15) Se não souber o que dizer, *fique em silêncio*. (DS2 = enquanto não souber o que dizer)
- (16) Sta. Teresa *ficou sem água* o dia inteiro. (DS2 = durante o dia inteiro)
- (17) *Fiquei sem meu ajudante* por 3 meses. (DS2 = por 3 meses)

Nestas ocorrências, não são considerados intervalos de tempo anteriores ou posteriores ao momento da enunciação. Assim, lemos o símbolo (T) de uma forma ligeiramente diferente da que é apresentada no cálculo de Von Wright. No molde de predicado F1 (T) não é 'a seguir', mas sim, o intervalo de tempo explícito pelo constituinte DS2.

Uma vez que este estudo tem por objectivo a determinação dos valores semânticos de um predicador e não a sua análise textual, consideramos que a leitura acima atende aos objectivos a que nos propomos, ainda que, tomadas num contexto linguístico alargado, essas construções pudessem ser consideradas de mudança.

Considere-se o DS2 do molde de predicado F2, em (35):

- (18) Nós *ficávamos impacientes* antes da aula. (DS2 = enquanto a aula não começava)

O que nós alegamos para a classificação destes moldes no critério de não-mudança é que a predicação simples [*ficar* + DS1] não sofre mudança, enquanto sofre a influência de DS2, constituinte expressando intervalo fechado de tempo. O que pode causar, à primeira vista, uma certa flutuação do conceito de não-mudança é o que Schmitt chamará de “constant meaning of the verb”: a autora postula que *ficar* tem um traço de *transition* que lhe é constante, mas que esse traço pode ficar ‘ensombreado’ conforme os complementos que acompanham a realização do predicador e que nos parece ser o fenómeno em causa nos moldes F1 e F2:

I argue that the BECOME reading with adjectival predicates is the result of combining part of the qualia of the adjectival predicate with the TRANSITION of *ficar*. The STAY readings of *ficar* + adjective are the result of shadowing the transition. [...] Unlinked to any argument, the TRANSITION can only be part of the ‘constant’ meaning of the verb (SCHMITT, 1999, p. 227)

Corroborando esta afirmação, temos dois outros moldes - F11 e F12 - que se incluem entre os de mudança e que têm como DS1 os mesmos elementos que F1 e F2; entretanto, os seus DS2 atribuem um carácter de mudança ao predicador enunciado.

- (19) Ele *ficou doente* pois não tomou os devidos cuidados. (DS2 + causa)
- (20) Tenho 18 anos e *fiquei indignada* ao ler o depoimento da mulher que fez 3 abortos. (DS2 + tempo)
- (21) *Fiquei entusiasmado* com a possibilidade de emagrecer. (DS2 + causa)
- (22) As crianças *ficam impacientes* quando terminam o trabalho e não têm mais nada a fazer. (DS2 + tempo/causa)

Nestes exemplos, o traço [+tempo] não pode ser traduzido pela noção expressa pelos termos ‘durante’ ou ‘enquanto’ como em F1 e F2 mas, sim, pelas expressões ‘assim que’ ou ‘a seguir’. A presença dessas noções denota, definitivamente, a mudança de estado que diferencia o carácter permansivo - F1 e F2 - do carácter resultativo, também chamado de causativo por Mateus e outros (1989, p. 96) - F11 e F12. Consideramos, portanto, que a característica não-mudança, expressa pelo contexto linguístico, se sobrepõe à característica de ‘transição’ inerente ao predicador *ficar*. Todavia, para que fique clara a nossa utilização do traço temporal, veja-se o que refere Pinto (1994), uma vez que o que chamamos de *tempo*, é o que Pinto denomina *tempo semântico*, que não é marcado na enunciação da mesma forma que o *tempo real*, este, aliás, indicado por meio de sintagmas nominais que descrevem datas ou fixam durações:

Enunciados que não contenham datas ou durações, como ‘Pedro chegou ontem’ ou ‘Quando Maria chegou, Pedro estava jantando’, não são ancorados ao tempo físico e são totalmente ambíguos quanto à data ou à duração dos estados-de-coisas representados. Mas apresentam, no entanto, certas características gramaticais, como verbos conjugados, advérbios dêíticos (“ontem”) e orações temporais, que são marcas do que vou chamar de tempo semântico, objeto das operações de ancoragem temporal. (PINTO, 1994, p. 58)

2.1 Dos moldes de predicado de *ficar*

2.1.1 Apresentação dos moldes

Peres classifica os predicadores em *básicos* e *derivados* (PERES, 1984, p.38) e atribui a cada predicador básico um molde proposicional registado no léxico de uma língua. Neste estudo adoptamos a terminologia de *moldes de predicado* ao invés de ‘moldes proposicionais’ e *predicador* ao invés de ‘predicado’, ambos de uso em Peres (1984). Molde de predicado designa, neste estudo, a fórmula lógica que traduz e generaliza o comportamento semântico, textual e morfossintático de cada tipo de ocorrência do predicador *ficar*. A cada molde de predicado atribuímos um significado comum. A decisão de não atribuir o termo *molde proposicional* às fórmulas levantadas, neste estudo, liga-se ao facto de que entre os enunciados de *ficar* encontram-se predicadores *básicos*, onde *ficar* ocorre em presença de um argumento x_2 e, também, predicadores *derivados*, onde *ficar* ocorre, obrigatoriamente, em presença de um DS indispensável ao estabelecimento do significado do molde. Quanto ao termo ‘predicador’, é usado, igualmente, por Meyer (1991) e representa o elemento núcleo do molde de predicado que no caso deste artigo é representado pelo verbo *ficar*. As ocorrências do predicador verbal *ficar* foram distribuídas em subgrupos que foram codificados em função do significado comum aos exemplos listados em cada um. Esse código constitui-se por uma sigla alfanumérica composta de uma letra ‘F’ maiúscula e de um algarismo; este algarismo corresponde à posição ocupada pelo molde na listagem de significados levantada por este estudo. Cada código é seguido da paráfrase escolhida para o significado do subgrupo de ocorrências. Assim, para cada molde de predicado temos um título, como no exemplo a seguir:

F1: manter-se – condição física

O título, que indica o tipo de molde de predicado, aparece na segunda linha do molde e pode ser expresso como no exemplo seguinte:

Molde de Predicado Estativo Básico

Esse título é seguido do molde, propriamente dito, que se compõe de várias linhas onde estão dispostos os constituintes na ordem em que ocorrem. A primeira linha do molde consiste numa fórmula lógica contendo o símbolo Φ seguido dos argumentos do predicador. Os argumentos são representados por (x_1) e (x_2) , onde o número que acompanha a letra (x) se refere a um dos dois argumentos que podem ser encontrados na predicação analisada. Cada (x) é seguido de uma letra maiúscula indicando a função semântica atribuída ao argumento. A primeira linha tem a seguinte configuração:

$$\Phi (x_1) O$$

A fórmula lógica expressa acima pode ser lida como: predicador (Φ) de 1 lugar ou de um único argumento, onde o argumento (x_1) tem a função (O) de objecto do estado-de-coisas expresso pela predicação. Na segunda linha temos a explicitação, através da actualização lexical, do predicador seguido dos itens que se relacionam directamente com esse predicador sem, entretanto, constituírem argumento da predicação. Por não se tratarem de argumentos do predicador, esses itens são designados como definidores semânticos. Esta linha tem a seguinte apresentação:

$$\Phi \Rightarrow \textit{Ficar} + \text{DS1}$$

Essa linha do molde é lida como: o predicador (Φ) será actualizado pelo verbo *ficar*, seguido de um constituinte que não se realiza como argumento da predicação e que é o seu definidor semântico.

Nas linhas do molde que vêm a seguir a essa fórmula são indicadas: as classes de palavras em que se pode actualizar cada argumento da predicação; as restrições de selecção para cada argumento; as classes de palavras em que pode(m) actualizar-se o(s) DS(s); as restrições de selecção para cada DS e a posição ocupada pelos argumentos em relação ao predicador. Quando não é indicada nenhuma restrição de selecção, isto significa simplesmente que não há restrições actuando sobre o elemento em questão. Assim, no molde de predicado F1 formalizado a seguir, (x_1) actualiza-se no nível formal sem restrições de selecção. Nesta formalização os colchetes indicam que o predicador como um todo [FICAR + DS1] é modificado por um terceiro elemento da predicação, o DS2.

Formalização do Molde de Predicado F1

F 1: Manter-se – estado físico

Molde de Predicado Estativo

Básico

$\Phi(x_1)$ O

: $\Phi \Rightarrow [FICAR + DS1] DS2$

: DS1 \Rightarrow Adj () Sprep

+ condição física

: DS2 \Rightarrow Sprep

+ intervalo de tempo

: $(x_1) \Rightarrow$ SN

---- Φ

- (23) Ele *ficou de cama* durante 2 dias mas depois foi trabalhar ainda que não estivesse completamente curado.
- (24) A verdade *ficou oculta* durante 100 anos.
- (25) Os seus objetos de prata podem *ficar reluzentes* por cinco anos depois de polidos. A prata recebe uma camada de verniz plástico incolor.

Considerem-se os argumentos (x_1) de (23), (24) e (25), aos quais podem ser atribuídos diferentes traços, respectivamente, como se segue:

- (x_1) é actualizado pelo SN 'ele' com traço [+humano];
- (x_1) é representado por 'a verdade' e tem o traço [+abstracto];
- (x_1) corresponde a 'os seus objetos de prata' e tem o traço [-animado].

Esses traços não interferem no significado do molde, ou seja, (x_1) pode ser representado por todo e qualquer SN que possa ser inserido nessa predicação com função semântica de Objecto e não apresenta, portanto, nenhuma restrição de selecção.

2.1.2 Os argumentos nucleares e os argumentos opcionais

Segundo Martinet (1979), as gramáticas funcionais consideram a existência de *funções* que são unidades linguísticas definidas por uma forma e um valor. Dentre essas *funções*, é preciso distinguir aquelas que formam os argumentos nucleares de certos predicadores verbais das que formam os seus argumentos opcionais. Os argumentos nucleares são elementos relacionados com o predicador verbal de forma intrínseca, estando previstos no próprio valor semântico do núcleo predicador, já argumentos opcionais de um predicador verbal são facultativos e não fazem parte da valência verbal. O significado do verbo não depende dos seus argumentos opcionais, uma vez que estes apenas

acrescentam novos dados ao sentido básico. Como diz Meyer (1991, p. 45-46):

São nucleares os argumentos correspondentes aos lugares previstos na estrutura semântica do predicador. São opcionais os argumentos que, não estando previstos na estrutura semântica do predicador, podem ser-lhe acrescentados, caso o predicador os aceite e caso haja intenção comunicativa para tal.

Por oposição aos argumentos opcionais, os argumentos nucleares são indissociáveis do significado do predicador verbal a que se ligam e são subentendidos mesmo 'in absentia'. Em (26) temos um exemplo desse relacionamento dos argumentos nucleares com o predicador e em (26') temos a adição de argumentos opcionais. Em (26'') o número de argumentos nucleares não foi reduzido, apenas um dos argumentos foi omitido, mas está subentendido.

(26) João disse a ela que saísse.

(26') João disse a ela, sem levantar os olhos, que saísse, imediatamente.

(26'') João disse que saísse.

As funções expressas pelos termos "João", "a ela" e "que saísse" são argumentos nucleares do predicador verbal e caracterizam a valência do verbo "dizer". Sem esses termos, o predicador verbal, em questão, não traz informação suficiente para ser aceite como elemento com carga informacional autónoma; assim, os argumentos nucleares caracterizam a valência dos predicadores que acompanham. O termo 'valência' é definido por Martinet (1979, p. 159):

Parmi les fonctions en tant qu'unités linguistiques définies par une forme et une valeur, on distinguera celles qu'on ne rencontre jamais avec certains verbes et qui, en conséquence, caractérisent les verbes auprès desquels on les rencontre. Ces fonctions sont celles qui constituent ce qu'on désigne souvent comme la valence du verbe.

Dentre as muitas definições existentes para o termo valência, incluímos aqui essa noção de 'valência' expressa por Martinet, por considerarmos sua definição útil para a compreensão do relacionamento que se estabelece entre argumentos e predicadores. Entretanto, por razões de economia descritiva e da especificidade do nosso objecto de análise, limitar-nos-emos, ao longo da análise, às propostas avançadas por Meyer e Peres. Além disso, o predicador *ficar* extrapola o conceito de valência.

Quanto à polémica sobre a distinção entre argumentos nucleares e opcionais, levantada por Peres e Meyer, não consideramos a sua discussão no âmbito deste trabalho. Esclarecemos tão somente que, com vista a uma generalização quanto ao tipo de argumentos seleccionados por *ficar*, podemos afirmar que

este predicador sempre selecciona, pelo menos, um argumento que terá a função semântica quer seja de objecto (O), de experienciador (Ex) ou causador (C). É importante observar que estas duas últimas vão ser definidas na constituição semântica do molde, uma vez que há a possibilidade de se ter um argumento experienciador que pode ou não acumular a função semântica de causador.

Outra observação é que *ficar*, eventualmente, selecciona um segundo argumento; entretanto, nos casos - mais numerosos - em que selecciona apenas um argumento, *ficar* encontra-se, invariavelmente, ligado a um definidor semântico (DS), constituindo, assim, um predicado derivado, conforme a concepção de Peres. A categoria 'derivado' é considerada em oposição à dos 'básicos', que se realizam, segundo este autor, sem a presença de constituinte ligado ao verbo que não exerça a função de argumento. Observamos, igualmente, que uma das categorias consideradas na formalização de Peres como função semântica exclusiva de argumentos opcionais aparece, no presente estudo, como argumento nuclear. Trata-se da dimensão espacial que, como se pode comprovar nos exemplos apresentados, é representada por argumentos com traço [+ lugar]. Isto acontece em virtude do argumento com a referida função semântica responder, integralmente, nos moldes de predicado de *ficar*, às injunções necessárias para ser considerado como argumento nuclear, conforme a teoria proposta por Meyer.

O quadro 4 dá uma visão de conjunto do relacionamento que se estabelece entre moldes de predicado e argumentos seleccionados, tendo como parâmetro as funções semânticas destes últimos:

Quadro 4 - Selecção das Funções Semânticas

Tipos de ocorrências	Selecção das Funções Semânticas para cada Argumento				
	x_1			x_2	
<i>Ficar</i> em	O		C	L	
<i>Ficar</i> com		R C		O	
<i>Ficar</i> de	C			O	
<i>Ficar</i> + DS	O	Ex		C	Ø

A selecção de funções semânticas pelo predicador *ficar* para os seus argumentos obedece a um direccionamento facilmente compreensível quando se consideram as propriedades dos moldes de predicado em que ocorrem. A função objecto (O) tanto pode ser seleccionada para (x_1) como para (x_2). Entretanto, só o será para o primeiro argumento em moldes de predicado estativos, como em (27) ou processuais, como em (28) que são aqueles em que o estado-de-coisas é considerado como 'não-causado' por nenhuma das entidades envolvidas. Este mesmo argumen-

to apresentará a função causador (C), mas somente nos moldes de predicado posicionais, como em (29) ou accionais, como em (30). As funções semânticas experienciador (Ex) e recebedor (R) partilham traços com a de causador e estarão presentes apenas nos moldes em que se considera que se sobreponham a esta última:

- (27) Ele fazia seu discurso e todos *ficamos em silêncio*.(F1)
- (28) Você *fica* muito *bem* com essa roupa.(F7)
- (29) Eu *fico* muito tempo *conectado*, mas prefiro as madrugadas pois a ligação é mais barata.(F4)
- (30) Resistindo à tentação de ficar com todas, decidi ficar sempre com a que traz, além das tabelas e dos mapas, as fases da lua.(F13)

Quanto à função lugar (L), tem como peculiaridade ocorrer apenas em moldes que seleccionam dois argumentos. Há, apenas, dois moldes de predicado apresentando argumentos com traço [+lugar]: F3, para seres inanimados e localidades geográficas – Molde de Predicado Estativo Locativo; e F6, para seres animados desde que apresentem mobilidade autónoma (plantas e peixes em aquário, por exemplo, estão excluídos) – molde de predicado posicional locativo. Esses moldes são, também, os únicos, no critério semântico de não-mudança, que admitem um segundo argumento - (x_2)- e têm, em comum, a presença de uma única e mesma preposição em todas as ocorrências – EM. A existência de preposição única simultânea à selecção de um segundo argumento nuclear vai repetir-se no grupo classificado no segundo critério – mudança – em que os dois únicos moldes a admitirem o segundo argumento - (x_2) – têm, igualmente, o predicador *ficar* ligado, invariavelmente, à mesma preposição – COM. São os moldes F13 – Molde de Predicado Accional Possessivo – e F14 – Molde de Predicado Accional Experiencial.

2.2 Os definidores semânticos – DS

Deste estudo resultou a criação de uma terminologia para designar constituintes que, ligados ao predicador verbal, são imprescindíveis para a construção do significado do molde de predicado sem constituírem argumento desse predicador verbal. Esses constituintes estão aqui designados como definidores semânticos (DS). O DS caracteriza-se por ser um constituinte ocorrendo junto ao verbo e representado no componente formal por: adjectivo (Adj), sintagma preposicional (Sprep), advérbio (Adv) ou por uma oração (Or). Há, ainda, muito raramente, a possibilidade de um sintagma nominal assumindo função de advérbio como o DS2 em (31).

Alguns dos moldes de predicado que se constroem como *ficar* + DS necessitam de um outro definidor semântico, que modifica o predicador como um todo. Sendo assim, temos definidores semânticos de duas naturezas: (1) aquele que constrói o significado do molde, explícito na paráfrase e (2) aquele que restringe esse significado, diferenciando as ocorrências do respectivo molde de outras que se apresentem morfossintaticamente idênticas, mas que pertençam a outro molde de predicado.

(31) Sta. Teresa *ficou sem água* **o dia inteiro**. (F1)

(32) Sta. Teresa *ficou sem água* **por uma falha da CEDAE**. (F11)

Em (31), como em (32), temos o predicador *ficar* ligado a um DS1 representado por Sprep com o traço [+ condição física] – *sem água*. Em (31), entretanto, o DS2 [+ intervalo de tempo], representado por “**o dia inteiro**” o distingue de (32), onde o DS2 [+ causa] “**por uma falha da CEDAE**” atribui um valor *resultativo* ao predicador. Isto é, o DS2 é o responsável pela distinção entre o critério semântico de Mudança em (32) e o de não-mudança em (31).

2.1.1 Representações dos DS em algumas categorias morfossintáticas

Um grupo considerável, dentro do leque de significados atribuídos a *ficar*, constrói-se com DS. Além disso, a maioria desses moldes de predicado admite a representação do DS por uma expressão com função adjectiva, ou por uma oração com valor adjectivo ou adverbial. Essas razões levam-nos a descrever, detalhadamente, as possibilidades de ocorrência que caracterizam esse constituinte nos moldes de predicado de *ficar*. Considerados os critérios (i) semântico e (ii) funcional-pragmático utilizados nesta análise, a determinação das categorias morfossintáticas tem um papel secundário. O valor semântico de que são portadores os DS sobrepõe-se ao que possam incluir as categorias morfossintáticas atribuídas aos elementos que compõem esses DS. Tendo em vista o carácter classificatório desta análise entendemos que se torna necessária a descrição de todos os elementos que compõem o molde de predicado. Vamos, assim, ocupar-nos, inicialmente, das ocorrências com adjectivo. Dentre os moldes em que *ficar* se faz acompanhar por DS, apenas em F10 não ocorrem expressões com função adjectiva. Todo o resto apresenta a possibilidade de ocorrência de adjectivo, ou de expressão equivalente, na predicação.

Adjectivo (Adj)

Em português, a função adjectiva pode fazer-se representar, no componente formal, pelos seguintes itens lexicais:

- adjectivos comuns
- adjectivos deverbais
- formas V+do
- locuções prepositivas

Deixando de lado, por agora, as locuções prepositivas, resta-nos um grupo de formas classificadas indistintamente como adjectivos. Dentro deste grupo encontram-se as formas [V+do], que poderiam representar um problema de classificação quando consideradas na análise dos constituintes das predicções de *ficar*. Isto dá-se, em primeiro lugar, por uma certa dificuldade, à primeira vista, de se determinar se, em presença das formas [V+do], o predicador *ficar* não pode ser classificado como verbo auxiliar. Isto é, há necessidade de se eliminar a possibilidade de tratar-se de um predicador em que ocorre passivização, pois, como determina Peres, só verbos plenos podem ser predicadores de um estado-de-coisas.

Tendo em conta Mateus e outros (1989), que consideram uma parte das ocorrências de *ficar* como variante aspectual de *estar*, e considerando que, enquanto variante aspectual de *estar*, *ficar* não ocorre como verbo pleno, as ocorrências com *ficar* + [V+do] não poderiam, portanto, ser analisadas, no âmbito deste estudo. Tornou-se, deste modo, relevante mostrar que as formas [V+do] encontradas entre os constituintes das predicções analisadas não têm função verbal, ou seja, não participam de uma transformação resultante do procedimento de passivização de uma forma verbal transitiva directa. Para este fim, submetemos essas ocorrências à aplicação das 10 propriedades relacionadas por Pimenta-Bueno (1986) para a distinção das circunstâncias textuais e dos ambientes sintácticos em que se realiza uma ou outra função das formas [V+do], ou seja, se em função adjectival ou se em função verbal.

A fim de enquadrar a nossa análise com dados justificáveis pelas hipóteses estabelecidas por Pimenta-Bueno, analisamos cada uma das ocorrências [V+do] encontradas entre os exemplos listados. Tomemos o predicador $\Phi \Rightarrow Ficar + DS1$, onde DS1 terá como representação, no componente formal, elementos que ocorrem, indistintamente, como:

- Adjectivos comuns (*sozinho, impaciente, etc*);
- Adjectivos deverbais (*parado, transitável, etc*);
- Formas [V+do] originadas de verbos transitivos directos que obedeçam à tipologia das propriedades levantadas por Pimenta-Bueno.

Antes de expor os resultados da análise das formas [V+do] contidas no *corpus* deste estudo, consideramos relevante fazer referência à classificação estabelecida por Pimenta-Bueno, que estabelece uma minuciosa descrição das formas [V+do]. Para a autora, as formas [V+do] dividem-se em dois grupos: (a) vocábulos cuja base não é um verbo transitivo directo e que são os

adjectivos deverbais comuns, que não têm maiores implicações na distinção que ora pretendemos fazer, pois não participam dos processo de passivização; (b) vocábulos que têm por base os verbos transitivos directos e que actuam, segundo o contexto, ora como verbo, ora como adjectivo, ora com características de ambas as classes, verbos e adjectivos. (PIMENTA-BUENO, 1986, p. 207-208).

Pimenta-Bueno enumera 10 propriedades sintácticas das formas [V+do] que tenham por base um verbo transitivo directo. Para a autora, essas propriedades servem para esclarecer em que contextos sintácticos ocorrem as formas [V+do] e em quais deles essas formas são consideradas, respectivamente, adjectivo ou verbo (PIMENTA-BUENO, 1986, p. 208-214). Essas propriedades são por nós utilizadas para validar o “rótulo” de adjectivo atribuído às formas [V+do] que participam das ocorrências analisadas neste estudo. Dado o carácter instrumental do trabalho de Pimenta-Bueno para o nosso estudo, não faremos uma exposição exaustiva das propriedades em questão. Mostraremos, apenas, de que forma uma dessas propriedades auxilia no esclarecimento das características dos adjectivos deverbais envolvidos nos predicadores de *ficar*. A primeira propriedade restringe as consequências da ocorrência de formas [V+do] no nosso *corpus*. Transcrevemos a descrição dessa propriedade, a seguir:

1a. *propriedade*: adjectivo

Podem ocorrer em posição predicativa em sintagmas verbais.

- a) Em posição de pós-cópula;
- b) Em formas atributivas introduzidas por *como*;
- c) Como complemento da classe restritiva de SV que inclui os verbos *sentir-se*, *julgar-se*, *crer-se*, *achar-se* e *considerar-se* entre outros;
- d) Como complementos de verbos indicadores de Mudança de estado como *tornar-se* e *ficar*. (PIMENTA-BUENO, 1986, p. 208)

O item (d) da citação acima leva-nos a excluir da discussão sobre as formas [V+do] todos os moldes de predicado de *ficar* em que há mudança de estado. São os moldes listados de F7 a F14, no Quadro 1. Restam-nos, então, os moldes de predicado classificados como de “não-mudança”. São os moldes listados de F1 a F6. Dentre esses moldes, apenas F1, F2 e F4 poderiam levantar a possibilidade de indeterminação da natureza do adjectivo constante no DS1, uma vez que F3 e F6 são moldes de predicado em que *ficar* não se liga a DS e sim a argumento (x_2). O tipo de teste que Pimenta-Bueno propõe é o de se substituir a ocorrência [V+do] que se quer analisar sucessivamente por um outro adjectivo primitivo e por um verbo em forma flexionada,

caso este último se revele uma construção aceitável: teríamos então um verbo, no particípio passado, e não um adjetivo.

Apresentamos, a seguir, uma outra razão para que as construções *ficar* + [V+do] não sejam consideradas como passivas, uma vez que, na voz passiva, ainda que de forma implícita e/ou indeterminada, há a presença de um elemento agente. Neste estudo, porém, mesmo em exemplos onde ocorram estruturas [V+do] derivadas de verbo transitivo, há um apagamento da função de sujeito da activa/agente da passiva. Isto é, essa função não se produz na frase. Vejamos os exemplos:

- (33) Assumo sempre o que digo [...] Mas eu não tenho que obedecer, por duas razões: 1º porque não têm que proibir o que eu já não proíbo; 2º porque ficarei enterrado na terra, sem mais nada a não ser a terra.
- (34) O prédio ficou abandonado durante anos depois de ter sido desocupado pelos antigos moradores.

Em (33) e (34) não se trata de considerar uma acção - *ser enterrado, ser abandonado* - sob o ponto de vista do elemento sobre o qual ela incide, como é o caso da construção passiva. Trata-se é da constatação de uma condição física do argumento com função semântica de objecto do estado-de-coisas expresso pelo enunciado. (33) e (34) não servem como resposta às seguintes perguntas: Por quem ele foi enterrado? ou, Por quem o prédio foi abandonado?

Estas constatações levam-nos a afirmar que, no caso dos moldes de predicado F1, F2 e F4, a possibilidade de *ficar* ser considerado auxiliar da passiva deve ser afastada, dado que, a partir da aplicação das propriedades estabelecidas por Pimenta-Bueno, as leituras possíveis dos enunciados do *corpus* excluem a possibilidade de se tratar de formas da voz passiva.

Sintagma preposicional (Sprep)

Outro ponto a ser esclarecido quanto aos elementos que compõem os DS é o que diz respeito às ocorrências de Sprep. Se considerarmos predicadores formados com DS como um conjunto de moldes com características comuns teremos, dentro deste conjunto, um subconjunto formado pelos moldes onde o DS se constitui de Sprep ligado ao predicador, com ele formando um todo. Esse Sprep tem função adjectiva ou adverbial e, normalmente, pode ser substituído por adjetivo ou por advérbio consoante a função respectiva exercida. Encontram-se neste subconjunto os moldes: F1, F2 e F4, do 1º critério semântico - e F8, F9, F10, F11 e F12, do 2º critério semântico, em que há pontos comuns a todos. Todos esses moldes representam predicadores de um só lugar com a ocorrência de elementos ligados ao verbo por preposição sem que esses elementos possam ser caracterizados como (x_2). A preposição usada, diferentemente do que acontece nos predicadores que apresentam argumento (x_2),

pode variar e não é condição obrigatória para a classificação do molde de predicado, uma vez que também ocorrem nesses moldes as formações de predicador + Adj e - apenas em F11 e F12 - de predicador + Adv, sem a participação de preposição. Essa variação da preposição pode conduzir à ambiguidade, por ser marcada com formas idênticas em moldes cujos significados são diferentes. Assim, as actualizações dos moldes podem coincidir nas categorias morfossintácticas, ainda que venham a diferir na carga semântica.

(35) Ela ficou com as pernas doendo de tanto dançar. (F11)

(36) O gato ficou com tanto medo que subiu literalmente as paredes. (F12)

(37) Depois do assalto só um ficou com o dinheiro, os outros correram. (F13)

Em (35), (36) e (37) temos o predicador *ficar*, conjugado no pretérito perfeito do indicativo, em moldes de predicado cujo argumento (x_1) tem o traço [+animal]. O predicador verbal é seguido da preposição [com] que, por sua vez, precede um complemento formado por SN. Estas são as características que têm em comum os elementos que entram na construção dos exemplos citados e que são coincidentes para os três exemplos, ainda que em (35) o SN faça parte de uma oração reduzida de gerúndio. Tendo em vista o componente semântico, porém, (35), (36) e (37) se actualizam em três diferentes moldes de predicado, como se segue:

(53) F11 \Rightarrow Molde de Predicado processual básico. Paráfrase: *resultar em*, onde (x_1) será objecto de um estado-de-coisas que implica em experiência não-psíquica.

(54) F12 \Rightarrow Molde de Predicado processual experiencial. Paráfrase: *passar a sentir-se*, onde (x_1) será objecto de um estado-de-coisas que implica em experiência psíquica.

(55) F13 \Rightarrow Molde de Predicado processual possessivo. Paráfrase: *reter*, onde (x_1) recebe a posse de uma entidade (x_2), definitivamente ou por algum tempo.

A partir das constatações, acima, justifica-se a diferença de significados notada na simples leitura dos exemplos em questão. Em presença de um DS, o sentido do enunciado como um todo é definido por esse elemento. Quando da existência de dois argumentos no enunciado analisado, o sentido da mesma constrói-se no inter-relacionamento do predicador com os seus argumentos, como é o caso de F13, onde há uma transferência de posse.

O nosso estudo parece apontar para o facto de que a homonímia só existe se considerarmos unicamente a forma lexical *ficar* isolada. Ao enfocarmos o ambiente frásico em que ela se encontra temos um caminho bifurcado: ou essa forma lexical

se apresenta ligada a um DS revelando-se um outro constructo, lexical e semanticamente definido; ou *ficar* é regido por uma preposição constante e selecciona um argumento compatível com o significado do predicador. Assim, o conceito de carga valencial perde em importância, pois neste estudo fica exposta uma outra realidade: a de que a valência do verbo *ficar* não é suficiente para determinar o significado do verbo: este depende, em muitos casos, de algo mais do que seus argumentos para ser determinado. Um corolário da afirmação anterior é que *ficar* constitui-se como uma forma verbal mutacional que, mesmo sem ter aumentado o número de seus argumentos, encontrou novos sentidos graças à presença dos definidores semânticos (DS) que a ele se ligam de forma estreita e com ele criam uma unidade geradora de sentido, sentido este que se renova a cada alteração nos traços que caracterizam o DS.

Abstract

*The study presented here aims at classifying and analysing the different uses of the verb *ficar* from a semantic point of view, following a functionalist approach. This description concerns the Brazilian variety of the Portuguese language.*

*Keywords: uses, functionalism, *ficar*, predication, semantics.*

Referências

- ALMEIDA, M.M.M.; GUIMARÃES, L.A.C.L. *Português como segunda língua*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.
- AUSTIN, J.L. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Seuil, 1970.
- BOMFIM, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- CAMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972
- CARREIRA, M.H.A.; BOUDOY, M. *Le portugais de A à Z*. Paris: Hatier, 1993.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [19--?].
- DIK, S. C. *Gramática funcional*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1981
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

- HALLIDAY, M.A.K. *The place of "functional sentence perspective" in the system of linguistic description*. In: DANES, F. (Ed.). *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Academia, 1974. p. 43-53.
- HARDER, Peter. *Functional semantics: a theory of meaning, structure and tense in English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- LAROCA, M.N.C. et al. *Aprendendo português do Brasil: um curso para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 1992.
- LIMA, E.E.O.F. et al. *Avenida Brasil: curso básico de português para estrangeiros*. São Paulo: E.P.U., 1992.
- LOCK, Graham. *Functional english grammar: an introduction for second language teachers*. Cambridge: C.U.P., 1996.
- LOPES, O. *Gramática simbólica do português*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1972.
- MARTINET, A. *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris: Didier, 1979.
- MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- MEYER, R.M. de B. *A complementação da forma nominalizada deverbal sufixal e a conceituação do complemento nominal*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1991.
- NATTINGER, J. R; DeCARRICO, J.S. *Lexical phrases and language teaching*. Oxford: O. U. P., 1992.
- NEVES, M.H.M. *A gramática de usos é uma gramática funcional*. In: *ALFA: Revista de lingüística*, São Paulo, v. 41, n. especial, p.15-24, 1997a.
- NEVES, M.H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.
- PERES, J. A. *Elementos para uma gramática nova*. Coimbra: Almedina, 1984.
- PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.
- PIMENTA-BUENO, M. do N.S. *As formas [V+do] em português: um estudo de classes de palavras*. D.E.L.T.A., [S.l.], v. 2, n. 2, p. 207-229, 1986.
- PINTO, M. J. *As marcas lingüísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do português*. Rio de Janeiro: Numen, 1994.
- REBELO, I. M. *Os sentidos de ficar: uma formalização semântico-funcional voltada parao português como língua estrangeira*. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1999.
- SANTOS, D. M. de S. M. P. dos. *Tense and aspect in english and portuguese: a contrastive semantical study*. Tese (Doutorado)

- Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1996.

SCHMITT, C. When stay and become are the same verb: the case of ficar. *ZAS Papers in Linguistics*, Berlin, v. 14, p. 227-255, apr. 1999.

SEARLE, J.R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1981.

TUFANO, D. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. São Paulo: Moderna, 1995.